



A RIQUEZA DO VOTO DE POBREZA

Pobreza?

Antes de dizer algo sobre o voto de pobreza na vida religiosa, teríamos de nos perguntar o que entendemos por pobreza, o que queremos dizer quando falamos de pobreza. Seria o óbvio, mas queremos esboçar algo mais. Não é tão simples falar hoje deste voto, pois cada um de nós talvez tenha uma concepção diferente do que significa este conselho evangélico. O mais apropriado, ao nosso entender, seria elaborar uma teologia narrativa, na qual, juntos, pudéssemos estabelecer um diálogo, e não nos limitar na simples transmissão de conteúdo. Convido a abrir nosso coração para exercitarmos o nosso olhar interior. Saint-Exupéry intuiu muito bem que é imprescindível ver com o coração, já o essencial é invisível aos olhos. Contemplar, então, é o nosso ponto de partida.

No Evangelho de Mateus, Jesus dá graças ao Pai por revelar aos pequenos e não aos sábios e entendidos (cf. Mt 11,25). Quem sabe seja preciso deixar-nos interpelar pela novidade criativa, indo além do critério já proposto, ou talvez do “sempre se fez (interpretado) assim”. Precisamos transcender, interiorizar a partir da contemplação, o valor deste voto, e experimentar uma atualização na imitação de nosso Senhor Jesus Cristo, que, de rico que era, se fez pobre, para tornar-nos nos ricos por sua natureza (cf. 1Cor 8,9).

Um dos grandes problemas quando nos dispomos a escrever algo sobre o voto de pobreza hoje consiste no deixar-se levar facilmente por uma reflexão subjetiva, ou pelas preconcepções de cada um possa ter. A narrativa é diálogo, é criatividade que nasce da contemplação, da experiência. Precisamos de uma reflexão inacabada, de modo a continuarmos aprofundando juntos em nossa convivência cotidiana.

O psiquiatra Viktor Frankl, depois de pôr todos os fundamentos da terceira escola de psicologia vienense, a Logoterapia, dizia que não estava criando papagaios capazes reproduzir seu discurso, mas pessoas com a grandeza de continuar se aprofundando, passando a tocha acesa para gerar espíritos independentes e inventivos, inovadores e criativos¹. O que pretendemos nas linhas seguintes é passar a chama, para animar outros a continuarem estudando e se aprofundando neste voto, a fim de esboçar neste tempo a história um *relato do Espírito*².

Um voto segundo “Jesus ou” segundo o “eu”?

Lembro de quando estava na formação inicial. Os seminaristas da diocese brincavam conosco, dizendo que os religiosos tinham o voto de pobreza, mas eles eram a vivê-lo. Aquela brincadeira nos corredores da faculdade incomodava um pouco os religiosos, talvez porque aquela afirmação não deixava de ter sua verdade! Não vamos entrar aqui em uma discussão, menos ainda, mas é inegável. Com certeza fazemos voto de pobreza, nós o professamos como um valor importante em nossa consagração como religiosos, porém não chegamos a vivê-lo com toda a grandeza de sua fundamentação teológica.

Pode acontecer que o professemos com a voz, mas não o vivemos em nosso coração toda a implicação da essência da pobreza evangélica como um valor para nossa vida consagrada; pois podemos continuar apegados a tantas coisas e pouco desprendidos de nossos projetos, bens, viagens, destinos... Os de fora podem nos ver como ricos, e não como pobres.

Alguns dirão, com certeza, na vida religiosa há diversidade de carismas, e não é a mesma coisa falar de pobreza para um franciscano que para um agostiniano, por exemplo. É verdade, há família religiosa que dá mais destaque à pobreza; mas a questão é de que podemos nos esconder atrás de um discurso bonito e não viver de maneira consistente o voto professado. O voto de pobreza não é uma opção a mais na vida religiosa. Tem, como os outros votos, uma expressão fundante nesta forma de vida cristã.

Alessandro Manenti dá um exemplo interessante de uma casa de formação, muito útil para nós sobre a distorção dos valores. Apresentou – diz – aos seus formandos os textos do Magistério e os mais importantes da teologia sobre a vida sacerdotal, com a intenção de extrair desta experiência

¹ Cf. V. E. Frankl, *Em busca de sentido*, Vozes, Petrópolis 2018, 174.

² Cf. A. Bocos Merino, *Um relato do Espírito. A vida consagrada pós-conciliar*, PCl, Madri 2011.

uma visão mais objetiva possível sobre a figura e o ministério do sacerdote. Depois pediu a cada estudante que expresse para si mesmo com suas palavras o significado de ser sacerdote. Percebeu como os estudantes apresentavam apenas elementos condizentes com sua ideia prévia do que é um sacerdote, distorcendo outros elementos em função de dita preconceção.

O que podemos aprender com disso? Que ao invés de converter seu comportamento ao dos valores propostos, cada formando procurava, inconscientemente, distorcer os valores para confirmar seus comportamentos habituais. Um dos estudantes, conta ele, indicando o acontecido, disse rindo: “A igreja transmite o evangelho ‘segundo Jesus’, e nós recebemos o evangelho ‘segundo o eu’”³.

Talvez compreendamos a pobreza em um sentido mais fraterno e não austero, pois não possuímos nada particularmente, mas em nome da comunidade; porém, no fim e à cabo, podemos não assumir a responsabilidade de ter uma vida mais simples e com menos comodidades. Pessoalmente alguém pode se perguntar se tem o necessário ou além do necessário. Atrevemo-nos a dizer que, muitas vezes, gostamos falar do voto de pobreza a partir de nossa autorreferencialidade, e não da centralidade evangélica ou cristológica da gratuidade, chamado pelo filósofo espanhol Franscec Torralba de *a lógica do dom*⁴.

O que queremos propor nas linhas seguintes é uma reflexão a partir do relato, da narração do pequeno, permitindo-nos constatar sinais de pobreza entre nós. Por isso, apontamos alguns desses sobre a riqueza deste voto professado pelos consagrados, e muitas vezes contaminado por ideias ocultadoras do visualizar seu valor e sentido. Não queremos com isso esquecer os aspectos necessários para sua melhoria, nem tampouco eximir-nos da responsabilidade de viver a pobreza como tal, sendo pobres. Se fosse proposto a nós criar um mundo ilusório, não seria narrativo nem subjetivo. O primeiro tem a ver com os recursos trazidos por alguém para viver de maneira consistente seus próprios valores. O segundo, com uma busca de si mesmo. O narrativo é criativo, o subjetivo pode ser degenerativo. Queremos gerar vida, pois uma realidade que devemos ter clara é: vida religiosa é vida; e continua sendo chamada a dar tudo pelo Reino dos céus.

³ Cf. A. Manenti, *Vocação, psicologia e graça*, Loyola, São Paulo 1990, 15.

⁴ Cf. F. Torralba Roselló, *A Lógica do Dom*, Khaf, Madri 2012.

Somos ricos

Existem muitos religiosos e comunidades que expressam em sua vida um testemunho verdadeiro de entrega, oblação e simplicidade. Se olharmos ao nosso redor, encontramos pessoas muito ricas de Deus, desapegadas dos bens deste mundo, sem buscar poder, dinheiro, prestígio ou prazer... Pessoas simples a transmitirem riqueza a partir de uma verdadeira pobreza. São estes pequenos, discretos, a nunca ocuparem, talvez, cargos de liderança nem seus nomes citados em nossas publicações, nem suas fotos publicadas em nossos cartazes ou revistas; dedicam-se ao simples trabalho de ser religiosos consagrados na experiência de oração que se faz vida. Quiçá estes irmãos nunca elevaram sua voz aos céus para dizer como deveríamos viver o voto de pobreza, nem escreveram artigos sobre este voto, mas, com certeza, foram e continuam sendo verdadeiras escolas do ser pobres em espírito, e por isso são bem-aventurados.

Se daqui olharmos, encontraremos muitas riquezas a nos comunicar o valor da entrega. Nossa instituição é enriquecida por muitos religiosos, não econômica, mas espiritualmente, pois nos movem a procurar as riquezas dos céus e não o tesouro deste mundo; nos falam da busca de uma vida em um sentido além do terreno, uma vida feliz, bem-aventurada⁵.

Li e reli vários manuais de teologia da vida religiosa, apontamentos de quando fiz a licenciatura, algum outro livro ou artigo para dar consistência a esta reflexão, e me dei conta de que a maioria nos diz, a partir de uma perspectiva moral, fazendo mal e qual é nosso *dever ser*. Eu gostaria, com liberdade e responsabilidade, sublinhar as nossas boas realizações, para continuar apostando em nossa potencialidade. Já estamos sendo suficientemente assolados pelos meios que publicam na primeira página os escândalos de nossas instituições. Deixo-me conduzir por uma reflexão capaz de mostrar a riqueza deste voto tanto a partir de uma base teológica, como de uma dimensão prática. Quem sabe mais prática que teológica... Talvez mais encarnada.

Uma visão apreciativa

Há alguns meses vários de nós nos reuníamos em Roma como representantes das diferentes províncias de nossa Ordem para refletir sobre a formação permanente em vista do futuro. Ao ouvir o especialista

⁵ Cf. Agostinho de Hipona, *Cartas a Proba e a Juliana*, Paulus, São Paulo 2000, 192.

responsável por conduzir nossas reuniões, notei a falta uma visão institucional mais apreciativa.

Costumamos ser muito cirúrgicos, e detectamos facilmente o ruim. Por outro lado, podemos ser muito proféticos, olhando para fora e tentando aportar ao que devemos fazer neste tempo (dever ser). Um método inovador, a partir de uma indagação apreciativa, é a de poder nos ajudar mais neste momento, permitindo reconhecer nossa potencialidade, nossa capacidade de germinar, levando em conta aquilo que temos e somos.

Perguntava-nos o palestrante: Em que acreditamos mais: na erva daninha ou na boa semente? Confesso que isto me impactou. Temos fortalezas pessoais, instituições e grupais a nos falarem de pobreza no sentido evangélico. Continuaremos chorando pelas ervas daninhas? Ou apostaremos na boa semente locada em cada um de nós, em nossa comunidade e instituição religiosa? Somos ricos.

Também não negar a realidade nem construir castelos de areia. Algumas vezes a situação é tão crítica onde só podemos começar pelo clínico, até mesmo pelo cirúrgico, mas não deveria ser o método convencional, por assim dizer. Com certeza há muitos sinais de pobreza evangélica em nosso meio, em nossas comunidades, em nossos ministérios, na formação, na missão, nos colégios, em religiosos de carne e ossos vivendo ao nosso lado. Com certeza lembramos de nomes que seduzem por seu testemunho e vivência de uma pobreza real.

Em que acreditamos mais: na erva daninha ou na boa semente?

Certa vez, frei Miguel Márquez, um provincial carmelita, decide mandar uma circular aos religiosos que estavam sob seu comando. Não tenho a carta, mas a reproduzo como chegou até mim, e acredito pode nos dizer muito:

Nestes dias da visita às comunidades me perguntam se há problemas na Província, quase já tendo a resposta em si mesmos: há muitos problemas, e estamos em um momento crítico e decisivo, que com certeza passaremos, pois o futuro não depende fundamentalmente de nossos acertos ou desacertos, mas do desejo de Deus, da vontade de Maria de cuidar de nossa casa, e da reconstrução das estruturas rachadas e cansadas para se tornarem uma moradia d'Ele. Há muitos problemas, respondo, mas há muitas bênçãos. Muitas dificuldades nos superam, mas há muitos milagres vivos, há muita queixa e muito cansaço e sensação de perda, mas há muito mais trabalho humilde, inútil, invisível, gratuito, generoso, desinteressado. Dou graças a Deus, sem falar hoje de problemas, porque, ao percorrer as comunidades, vejo, sobretudo, irmãos fazendo quimioterapia apenas se queixando mas continuando dar-se pelos outros, sem trégua e sem descanso; irmãos com mais de noventa anos sem se aposentarem, continuando a escrever, a trabalhar, a caminhar para ter saúde, a escutar e a estar disponíveis; irmãos capazes de ver o lado

bom das coisas e louvarem os outros irmãos em suas funções, aplaudindo o esforço alheio; irmãos que se levantam às cinco da manhã para varrer o pátio do convento por livre decisão; irmãos que preparam o café muito antes do amanhecer, pensando nos outros, sem nada dizer; irmãos jovens e não tão jovens com graves dores nas costas quase nunca se queixando, enquanto atendem a todas as pessoas na secretaria; irmãos que lavam todas as vasilhas à noite, quando os demais já foram descansar; irmãos que até altas horas da noite repassam as contas, para tudo estar correto, e se levantam igualmente para rezar, embora apenas dormindo; irmãos que, quando chegam os irmãos da missão, de uma pregação, se interessam por eles perguntando-lhes com verdadeiro interesse 'como foi'; irmãos que passam noites no hospital ao pé da cama de outros irmãos; irmãos que trocam as roupas de outros irmãos, e irmãos que, quando falta a cozinheira, fazem a comida com esmero e carinho, fazem a compra de cada dia e procuram fazer com que tenha pão fresco cada manhã; há irmãos que cuidam de seus pais e se preocupam com eles, sem desatender a obediência de suas tarefas, e irmãos tão gravemente doentes não deixando nunca de visitar mensalmente seus pais durante uma ou duas semanas, sem protestar, com profundo carinho: irmãos que trabalham horas e horas a fio, lendo, escrevendo e preparando aulas, pelo orgulho de iluminar, escrever, ensinar e inculcar verdade no caminho das pessoas, com verdadeira vocação teresiana de ajudar a caminhar na verdade; há irmãos que se levantam meia hora antes do horário da oração da comunidade ou dos outros, pelo simples desejo de estar com o Senhor, sem que lhes sejam mandados, pois têm todavia desperto o desejo de prestar a Ele atenção e se cuidar... Poderia continuar recolhendo aqui muitos outros exemplos (todos reais), mas é preciso, e nenhum deles precisa da mais ínfima propaganda.

Com certeza é possível encontrar sinais iguais ou parecidos em muitas de nossas comunidades religiosas. O problema é que vemos só o negativo, e isso não nos permite sair da estigmatização e, sim, nos impossibilita reencontrar o fluxo do dinamismo vital existente entre nós.

Poder-nos-íamos perguntar: Qual é o sentido do voto de pobreza? Para que professei este voto? Como posso viver melhor minha consagração a Deus a partir deste voto? Como posso dar o melhor de mim? Estas perguntas podem nos conduzir à busca de um sentido, um horizonte, além de nós mesmos. Põe-nos no portal de nossa consagração.

Cabe lembrar que religiosos vem de *re-ligare*, simplesmente entendido como ligar outra vez, reconectar, ajudar a resgatar o contato com a origem, a fonte. Há uma dimensão antropológica deste voto que não podemos perder de vista: a auto transcendência, a capacidade de viver nossa vida como entrega, com existência *em prol de*, como um chamado a sair de nós mesmos e de nossa autorreferencialidade.

A riqueza deste voto se encontra justamente nas coisas pequenas de cada dia, na entrega, na disponibilidade... Não no acumular muito, mas no dar tudo, em religar os valores do Reino à realidade onde nos encontramos.

Certa vez vi um livro intitulado *Consumidores consumidos*⁶. Este título chamou minha atenção, pois me fez parar e refletir. Não li seu conteúdo,

⁶ Cf. J. M. González Anleo, *Consumidores consumidos*, Khaf, Madri 2014.

porém o título é bastante sugestivo, permitindo-me dar uma pausa, fazer uma autoavaliação. Talvez nos falte parar um pouco.

Hoje encontramos muitos religiosos padecendo de uma síndrome denominada pelos estudiosos como *Síndrome de Burnout*, não sendo outra coisa senão justamente o desgaste, uma dor invisível de muitos religiosos, ou esgotamento⁷, consumidos pelo peso de não poder mais. A Logoterapia chama de 'vazio existencial'. Um teólogo da vida consagrada diz ser necessário passar de discípulos queimados a discípulos acesos⁸. Mas é preciso saber também que há religiosos consumados. *Consumido* equivale a desaparecer, deixar de existir; *consumado* significa uma vida plena de sentido e de entrega. Podemos consumir nossa vida ou tentar consumá-la.

De consumidores a consumados

Em meio à situação da pandemia que assola a humanidade neste ano de 2020, chegou até mim, como referência, um livro do psicólogo Claudio García Pintos⁹, intitulado *O mar me contou*. É muito profundo o diálogo estabelecido com várias situações da vida humana e as experiências vividas, caminhando na praia. Numa das reflexões narra uma situação metafórica curiosa e profunda servindo como ponto de partida para pensar naqueles religiosos que dão sentido a seu ser consagrado a partir da entrega generosa e total: a vela.

Disse ele que estava caminhando na praia e viu um grupo de jovens fazendo ali uma reunião de grupo à luz de velas. Era difícil para eles manter as velas acesas, mas conseguiram criar um ambiente caloroso. Começaram a cantar e a se divertirem. Assim notou a nobreza das velas. A humilde vela se entrega para criar momentos calorosos, divertidos, românticos, solenes e místicos.

Há velas de todas as formas: tracionais, modernas, quadradas, pequenas, em forma de estrelas, de bonecos, de esferas... O seu ser emerge de dentro: o pavio a queimar. Podemos ter parafina e não ser uma vela. Enquanto não estiver acesa, é apenas uma vela em potencial. Sua identidade também se

⁷ Cf. Byung-Chul Han, *A sociedade do cansaço*, Herder, Barcelona 2012; H. López de Mézerville, *Sacerdócio e Burnout. O desgaste da vida sacerdotal*, San Pablo, Madri 2012; L. Campos, *A dor invisível dos presbíteros*, Vozes, Petrópolis 2018; L. Sandrín, *Burnout. Como evitar a síndrome de esgotamento no trabalho e nas relações assistenciais*, Paulinas, São Paulo 2019.

⁸ Cf. G. Fernández Sanz, "Crise e kairós: Nova oportunidade de conversão pessoal e pastoral": C. Martínez Oliveras (ed.), *Memória, presença, futuro. A vida religiosa no povo de Deus*, PCL, Madri 2015, 215-221.

⁹ C. García Pinto, *O mar me contou. A logoterapia aplicada ao dia a dia*, Cidade Nova, São Paulo 2017, 43-53.

define em sua funcionalidade. Iluminar é sua missão, isso lhe traz dignidade. Porém, para que esteja acesa, precisa de algo ou de alguém que a acenda. Somente ao se consumir, pode permanecer acesa, cumprindo sua missão de vela.

Em meio do baile, um jovem bateu em uma vela e ela se quebrou, mas, ao ser colocada de pé novamente, voltou a iluminar. A vela tem sua fragilidade, mas também sua dignidade. Enquanto se consumia, as gotas ruindo iam consertando a fissura, colando as partes com o calor. Os jovens terminaram sua reunião e foram embora, deixando ali as velas acesas, próximas de sua extinção. As velas não foram reconhecidas, nem precisavam ser. Cumpriram sua missão e, consumindo-se, consumaram um folguedo extraordinário.

Existe uma analogia entre a vela e o religioso consagrado. A identidade nos advém daquilo que há dentro, nossa essência, o espírito. A plenitude de nossa consagração está em nos dar sem reservas. A vela nos faz pensar na temporalidade e em como gastamos nossa vida. Nossa vida passa, e pode acontecer de não a vivermos com um profundo sentido, e assim perderíamos nas lamentações e murmurações sem fim. A vela nos fala do sacrifício, de entregar a vida, não de vitimismos, mas de resiliência para nos reconstruir com os baques da vida, as situações, as experiências traumáticas.

Muitos religiosos foram destinados a outros lugares, mudaram de ocupações, aposentaram-se... talvez de maneira traumática ou até injusta; mas ao demonstrarem uma verdadeira internalização do voto de pobreza mostraram-se disponíveis, e mesmo sofrendo por causa das mudanças, vivem a humildade a ponto de dizer aos superiores: “conta comigo”, “estou disponível à Ordem, à província”. Irmãos assim nos falam de como sua vida consumada. São eles a nos enriquecerem com sua pobreza. Quisera eu ser assim.

Encontrar sentido

A vida sempre traz suas contrariedades, desalentos, dissabores. Viktor Frankl fala da tríade trágica na existência humana: dor, sofrimento e culpa. Um religioso que vive o valor do voto de pobreza não nega o sofrimento, dá a ele um sentido. Existem religiosos que nos dão provas de uma vida consagrada com sentido. Pensemos naqueles que não puderam, devido às circunstâncias, estar com seus pais no momento de sua doença ou morte,

que não puderam realizar seus projetos pessoais dentro da Ordem por causa da missão encarregada a eles.

Existe uma experiência interessante sobre a capacidade do ser humano de encontrar sentido na dor e no sofrimento:

Jerry Long ficou tetraplégico após um acidente. Tinha apenas dezesseis anos quando isso aconteceu. Tinha uma vida pela frente, sonhos, projetos pessoais... Porém, mesmo assim, não deixou de encontrar sentido na vida. Disse em certo momento: “Quebrei o pescoço, mas não meu ser”. Estudou psicologia na universidade, e acreditava que sua deficiência lhe motivava a ajudar os outros. Este jovem tinha todos os motivos para se aposentar prematuramente, mas viu seu sofrimento como oportunidade. Aprendeu habilidades impossíveis de realizar à primeira vista.

Encontramos religiosos que, com sua idade avançada, seu caminhar moroso, suas bengalas a apoiá-los na caminhada matinal, sua enfermidade, suas cadeiras de rodas, sua visão comprometida, sua memória débil... nos alentam a observar como, apesar de sua situação de vulnerabilidade, se deslocam até à capela, têm terços nas mãos e não ficam na cama, mas se fazem presença viva do Reino. São valentes guerreiros a nos falar do sentido de continuar sendo consagrados.

Penso também em minha geração, os religiosos mais jovens, recebendo de fora quicá tantos convites para viverem outras formas de vida, cheias de oportunidades de autorrealização, de poder, de bens econômicos, prestígios e notoriedade. Decidem entregar suas vidas ao serviço do Reino, a viverem com pessoas (irmãos) de outras culturas ou de outras gerações, e a sonhar juntos os sonhos de Deus.

Um dia, em meio à pandemia, pude assistir (online) à profissão solene de um religioso que deixou seu país, seu continente, sua família, sua cultura... para viver sua vida de entrega no amor e no sacrifício. Convivi com este irmão na formação e o vi no primeiro dia em que chegou a nossa comunidade sem falar nada do idioma. Pouco a pouco aprendeu gramática e a lógica do idioma da entrega, de um projeto não fundado na mera autorrealização (critérios meramente subjetivos), mas de um chamado de Outro (autotranscedência), na entrega de si e da própria vida pelos demais¹⁰.

A entrega ou é a atitude de quem conseguiu um sentido ou, se não, não é entrega. Podemos constatar ao nosso redor um consumismo exacerbado mostrando, não uma paz de espírito, mas, melhor, uma narcotização da

¹⁰ Cf. A. Cencini, *Olha para o céu e conta as estrelas. O sonho da animação vocacional*, Paulinas, São Paulo, 2004, 38.

frustração, do descontentamento, de uma não realização de sentido verdadeiro da vida¹¹.

Uma vez que somos dotados antropologicamente de uma tridimensionalidade¹² (dimensão biológica, psicológica e noética)¹³ e a pessoa é mistério¹⁴, somos chamados a viver valores transcendentais. Não somos definidos genética, social, psicológica, economicamente..., mas nos autodefinimos. Existem pessoas que se deixam definir, porém dentro temos um chamado a uma atitude alternativa ante as condições dadas. Existe em cada um de nós a decisão, e esta pode projetá-lo além de suas contingências¹⁵. Evidentemente somos pessoas dotadas de uma biologia, de uma psicologia, incrustadas em um contexto social; mas não somos mera biologia, mas biografia. Temos uma dimensão espiritual, noética, a nos falar das alturas, e esta é a que dá sentido a todas as outras dimensões. O voto de pobreza, entendido a partir desta tridimensionalidade, permite uma realidade mais profunda e significativa. Podemos afirmar, com Elizabeth Lukas, que desconsiderar a dimensão espiritual da pessoa equivale a desconsiderar sua dignidade¹⁶.

A vida consagrada é composta por homens que procuram viver sem anseio de poder, fama, dinheiro, prazer; são pessoas que receberam uma missão (vocação), um chamado à perfeição do amor, *perfectae caritatis*, na *sequela Christi*, mas também por homens que se deixam levar pela perda de sentido e se fecharam em si mesmos. O religioso é quem decide ser. Tem a possibilidade de se rebaixar ao nível dos animais ou de se elevar ao nível de uma vida santa¹⁷. As boas sementes precisam de cuidado; por isso vamos falar de algo que pode dar sentido ao ser religioso e vale a pena lembrar: a espiritualidade.

¹¹ Cf. V. E. Frankl, *Psicoterapia para todos. Uma psicoterapia coletiva para contrapor-se à neurose coletiva*, Editora Vozes, Petrópolis, 2018, 40.

¹² Cf. L. M. Rulla, *Antropologia da vocação cristã. Bases interdisciplinares*, Paulinas, São Paulo 1987.

¹³ Rulla, falando das leis psicológicas, se refere a três níveis da vida psíquica: psicofisiológico, psicossocial e espiritual-racional. Cf. A. Cencini, A. Manenti, *Psicologia e Formação. Estruturas e dinamismos*, Paulinas, São Paulo, 1988, 12-35.

¹⁴ Cf. F. Imoda, *Psicologia e mistério. O desenvolvimento humano*, Paulinas, São Paulo 1996.

¹⁵ Cf. V. E. Frankl, *Vontade de sentido. Fundamentos e aplicações da Logoterapia*, Paulus, São Paulo 2014, 25-43.

¹⁶ Cf. E. Lukas, *Assistência Logoterapêutica*, Editora Vozes-Sinodal, Petrópolis 1992, 208.

¹⁷ Cf. E. Fizzotti, *Psicologia e maturidade na vida consagrada*, Paulus, São Paulo 2014, 98.

Dimensão espiritual do voto de pobreza

Falar do voto de pobreza pode parecer para muitos pertencer a um partido ou apoiar um discurso político-ideológico. Na realidade, não deveria ser assim, pois a pobreza é um valor do Reino, um valor evangélico definitivamente, e não está ligada diretamente no marco teórico-fundamental, a uma luta de classes ou a um sistema político, embora esteja sim chamada, na *práxis*, a se fazer presente entre os excluídos e marginalizados. Em outras palavras, ser pobres e estar com os pobres não é uma questão política, mas evangélica.

Devido às ideologias a rodearem esta opção evangélica, é difícil para nós hoje fazermos uma opção preferencial pelos pobres. O Papa Francisco utiliza sabiamente a expressão “*periferias existenciais*”, por ser mais parecida com a proposta do evangelho, pois os pobres são todos os que vivem situações fronteiriças. A vida religiosa se apresenta, assim, como uma forma liminal, permanecendo na normalidade e, ao mesmo tempo, fazendo surgir nesta o extraordinário; esse viver no limite, na fronteira, como disse o professor García Paredes¹⁸.

Não queremos com isso atingir o ponto fraco, nem esboçar um discurso moralista. Somos conscientes de que, como os outros votos, precisamos ter uma melhor compreensão e, por sua vez, uma maior conscientização para continuar sendo profetas do reino neste momento da história. É preciso ir além para constatar a necessidade de uma formação contínua sobre este voto. Não é uma questão de termos mais ou menos posses estáveis, conquanto estes bens não se convertam em simples acumulação, e sim em um estímulo para continuarmos como profetas do Reino com os que estão ao nosso redor. Particularmente acredito que o termômetro para medir se estamos vivendo conformes a *sequela Christi* é se somos solidários ou se fomos contaminados vírus da ganância e da autorreferencialidade.

A pobreza voluntária está conectada e motivada pelo seguimento de Cristo¹⁹. A pobreza voluntária nos faz semelhantes a Cristo e mais disponíveis para o ministério (pensando nos religiosos padres)²⁰.

¹⁸ Cf. J. C. R. García Paredes, *Teologia da Vida Religiosa*, BAC, Madri 2002, 535-578.

¹⁹ Cf. PC 13.

²⁰ Cf. PO 17.

Se este voto, assim como os outros, está diretamente unido ao seguimento de Cristo, podemos falar que existe uma relação direta entre a pobreza, por um lado, e a libertação e o crescimento espiritual, por outro²¹.

Olhando um pouco a história da vida consagrada, vemos como os religiosos viviam para Deus e não procurando aprovação social. Bastavam-se com a fé e o testemunho. Somos assim chamados a avivar nas cinzas o fogo de uma espiritualidade encarnada, e não de uma tradução romântica de um misticismo fantasioso. A irmã Chittister exorta a uma grande espiritualidade sem ser um ascetismo negativo, uma rotina severa, um total confinamento e uma docilidade infantil ante as convenções organizacionais. Para ela, as necessidades estão nas periferias, nas ruas, nos abrigos de mulheres, nas cortes, nos comitês cívicos, nas audiências do congresso, no acompanhamento aos solitários, nas fronteiras militares, na convivência com os refugiados e com os pobres da cidade, nos jornais e nos estúdios de televisão...; e isso exige de nós adultos espirituais. Então não podemos confundir o trabalho com a oração, as boas intenções com a vida espiritual e a profissão com o compromisso. Precisamos nos formar impelidos pelos Evangelhos, imbuídos pelas Escrituras, animados pelo fogo da justiça, sustentados pela oração. A espiritualidade será o combustível do espírito a tornar possível o compromisso²².

Nossa riqueza não está nas coisas deste mundo. Temos de viver a vida com os pés no chão e os olhos nos céus. Não fomos criados para nos arrastar, mas para alçar voo, como as águias, ao coração do Pai. Somos peregrinos, estamos de passagem. Nossa pilastra é o Deus vivo transformado em nosso ponto de apoio. Evidentemente, a espiritualidade nos conduz a uma dimensão horizontal de serviço aos irmãos, contudo, se nosso sair às periferias existenciais não parte de uma experiência de amor transformador na oração e na interioridade, nosso apostolado se torna meros projetos assistenciais, necessários e generosos, porém carentes de espírito. Hoje, não se trata de compartilhar apenas nossos bens, mas nosso ser. Uma vida religiosa assistencialista é uma ONG, e não uma Igreja em saída. Nosso sair tem uma motivação mais radical: a entrega de nossa vida por amor. Neste sentido, temos de ser profetas do Reino, denunciando as injustiças contrárias a um projeto de salvação para o homem e para a mulher de nossos dias.

²¹ Cf. B. Goya, *Psicologia e vida consagrada*, Paulus, São Paulo 1999, 128.

²² Cf. J. Chittister, *Fogo sob as cinzas. Uma espiritualidade da vida religiosa contemporânea*, Paulinas, São Paulo, 1998, 188.

A partir desta dimensão espiritual, o religioso é consciente de que vive a necessidade de estar na presença de Deus, de se despojar de tudo diante do amor gratuito e misericordioso d'Aquele a nos aceitar e estabelecer uma relação, uma aliança. O próprio Deus nos convida a caminhar além da materialidade das coisas e da transitoriedade das pessoas. Por meio do encontro, do recolhimento, da oração, da experiência religiosa e sacramental, o religioso não precisa ter nada além de uma aliança com Deus. É como quem encontrou um tesouro escondido e vende tudo para comprar o campo pois vale muito mais; quem encontrou a pérola preciosa e não tem olhos para outra coisa, ou a um pescador a recolher as redes cheias de peixes e pode descartar os sem valor (cf. Mt 13, 44-52).

Uma espiritualidade bem fundada nos leva à necessidade de se ter Deus, e não estar atrás daquilo que rompe essa aliança de amor. Os olhos já não se voltam para pessoas, poder, dinheiro, bens. Ao contrário, alça um desejo de se unir a Deus e imitar Cristo (valores terminais) por meio do voto de pobreza (valor instrumental), em um convite a deixar tudo²³. Por isso o religioso considera lixo tudo o que não conduz a um encontro com o amor misericordioso que veio ao encontro de nossa miséria.

Vemos como em santo Agostinho, amparado por sua intensa experiência de Deus, estabelece uma união do coração e, em sua pequenez reconhece a grandeza d'Aquele; como a experiência da pecadora, vivendo o encontro transformador com Jesus, já não é mais adúltera, mas esposa. A miséria humana se encontra com a misericórdia divina, *misericordia et misera*²⁴. Na vida religiosa, precisamos recuperar esta espiritualidade do pequeno, do encontro cotidiano e surpreendente com Deus, vivendo em nossa pobreza. Desta forma, a pobreza é, antes de tudo, reconhecimento do todo de Deus.

O ser humano é um mendicante do ser, e reconhecendo o receber de Deus sua existência em cada momento. O povo de Israel descobre Deus como sua verdadeira riqueza quando perde suas seguranças.

Dimensão social do voto de pobreza

A vida religiosa consagrada possui um chamado ao serviço nascido do seguimento do Filho do homem, que veio, não para ser servido, mas para

²³ Cf. B. Sebastian, *Totalmente de Cristo. Aspectos psicológicos e formativos da vida consagrada*, PCL, Madri 2015, 71; A. Manenti, *Vocação, psicologia...* 13.

²⁴ Cf. Agostinho de Hipona, *Io. ev. tr.* 33, 5.

servir. O lava-pés, o serviço, a diaconia, nos convidam a cuidar dos mais pobres e necessitados. Definitivamente, trata-se de gerar uma cultura do cuidado, para que resplandeça de novo a imagem divina deformada nos rostos desfigurados de irmãos e irmãs pela fome, rostos desiludidos das promessas políticas, rostos humilhados de quem sentem sua cultura arrasada, rostos assustados pela violência indiscriminada, rostos angustiados de menores, rostos de mulheres ofendidas e humilhadas, rostos cansados de expatriados sem um digno diálogo de acolhida, rostos de anciãos sem as mínimas condições de vida e morte dignas²⁵.

Servir os pobres é atitude evangelizadora, selo de evangelicidade e estímulo para a conversão permanente de nossa forma de vida consagrada²⁶. Muitas decisões capitulares e muitas obras de nossas instituições religiosas ofereceram espaço, tempo e forças para atender às demandas sociais onde nos encontramos, e temos de continuar fazendo institucionalmente.

A vida religiosa continua sendo chamada a esta dimensão social do voto, brotada da dimensão espiritual, sabendo ser a missão nascida do Espírito, nos impulsionando a entregar tudo. Uma falta de espiritualidade na vida consagrada pode levar a um fechamento do coração. O nosso não é assentir uma economia para garantir o conforto e a segurança de uma aposentadoria prematura. A vida religiosa é chamada a ser pobre e estar com os pobres. E cabe lembrar: pobre não é só o carente de recursos econômicos, mas todo aquele que perdeu sua dignidade como pessoa, e já não conta: o excluído e marginalizado.

A Igreja nos exorta a ser profetas do Reino nas periferias existenciais. O Papa Francisco nos convida a sair de nossa zona de conforto, pois muitos ficam presos na segurança institucional. Precisamos recuperar uma pastoral da missionariedade, algo essencial à comunidade cristã. Não podemos nos instalar; o nosso é a saída. O nosso não é uma pastoral de conservação.

Neste sentido, parece-me mui oportuna a proposta das bem-aventuranças idealizada por Pier Giordano Cabra, na qual nos convida a uma presença a partir de nossa consagração religiosa²⁷:

²⁵ Cf. VC 75.

²⁶ Cf. VC 82.

²⁷ Cf. P. G. Cabra, *Breve curso sobre a vida consagrada. Tópicos de teologia e espiritualidade*, Loyola, São Paulo 2006, 223-224.

- Bem-aventurados serão quando não se deixem desanimar pela situação do momento presente, mas, antes, ofereçam um exemplo de serenidade a quem se aproxima.
- Bem-aventurados serão quando não se amargurem nem amarguram os outros, quando precisem fechar algumas de suas obras ou passá-las a mãos alheias.
- Bem-aventurados serão quando mostrem ao povo de Deus a inexistência de morada definitiva aqui embaixo, mas aspirem às futuras, e considerem úteis suas realizações reais, mas provisórias e precárias, destinadas a durar até quando o Senhor quiser.
- Bem-aventurados serão quando não são hostis com este mundo que pouco os compreende, mas onde são chamados a viver; em lugar disso, rezem sem cessar pelos filhos de Deus, distraídos e geralmente destruídos.
- Bem-aventurados serão quando manifestem sua inquebrantável confiança no Senhor da história com sua alegria, nascida da consciência de participar do ministério pascal da sua morte e ressurreição.
- Bem-aventurados serão quando saibam partilhar seus carismas com outros, em um intercâmbio enriquecedor de dons, tendo o bem do povo de Deus como supremo critério de ação.
- Bem-aventurados serão quando, nas derrotas históricas atuais, consigam dizer: 'Obrigado, Senhor, porque és nossa riqueza e apoio. Tu és nosso verdadeiro refúgio e fortaleza'.
- Bem-aventurados serão quando não se deixam atrair pelo brilho do mundo rico e farto, mas tenham olhos e mãos para ver e socorrer os pobres, sobretudo os novos pobres, os que ninguém, ou bem poucos, dão atenção.
- Bem-aventurados aqueles que não colocam sua confiança no dinheiro para continuar o Reino de Deus, mas cultivam o espírito de pobreza e de mansidão, também para utilizar, evangelicamente, o dinheiro.
- Bem-aventurados serão quando tenham obras eficientes e admiráveis de serviço aos pobres e não se sintam, por isso, benfeitores.

- Bem-aventurados serão quando não se esqueçam dos numerosos a viverem sob o jugo da fome e da violência, e não considerem essa situação uma fatalidade, mas se empenham com todas as forças na justiça.
- Bem-aventurados serão quando vejais a pobreza do homem vivendo na abundância, sua aridez, sua insatisfação, e ficam tranquilos somente quando encontram alguma via de acesso ao seu coração.
- Bem-aventurados serão quando se preocuparem em sacudir a indiferença da massa cristã, carente do amor de Deus, pobre dos bens prometidos por Cristo, fechada em seus horizontes terrestres.
- Bem-aventurados serão quando se sintam impotentes ante os desafios de um mundo seguro de si e, por essa razão, não desanimem, mas multipliquem as orações para que o Senhor tenha piedade de seu povo e envie novos profetas e novos apóstolos.

Assim, os religiosos devem procurar o modelo de pobreza trazido pelo próprio Jesus. Os pobres aparecem como os destinatários do Reino anunciado por Ele. A evangelização dos pobres é um sinal inequívoco da presença do Reino. Assim o voto de pobreza deve buscar seu sentido, sua razão de ser, na relação dos pobres com o Reino²⁸.

A vida religiosa, em suas origens, considerou o valor da pobreza evangélica, embora o modo de compreensão foi diverso ao longo da história. Os ermitões enfatizaram a pobreza como ascese individual. A vida cenobítica obrigou à pobreza individual, e assim a conformou com a riqueza comunitária. As ordens mendicantes fomentaram a pobreza real, individual e comunitária, além de destacar sua dimensão apostólica. Os institutos apostólicos consideram a pobreza como serviço assistencial aos pobres. Hoje insistimos na solidariedade com os pobres²⁹.

A verdade é que o valor da pobreza sempre esteve presente na história na nossa maneira de viver a vida consagrada. Isso não é fruto de uma concepção apenas reflexiva, mas o resultado da própria experiência de Deus em cada momento da história.

²⁸ Cf. F. Martínez Díez, *Vida religiosa. Carisma e missão profética*, Paulus, São Paulo 2002, 157.

²⁹ Cf. F. Martínez Díez, *Vida religiosa...* 172.

Hoje, a solidariedade com os pobres é o caminho efetivo de recuperação da pobreza como um valor institucional. Urge buscar uma vivência da pobreza que, sem medo, nos faça partilhar e ser solidários com os pobres. Não podemos deixar os pobres abandonados. Isso repercutirá em uma dimensão de serviço, de trabalho e de entrega verdadeira.

Essa dimensão social de pobreza nos chama a ser uma vida religiosa samaritana, nos colocando a caminho das fronteiras, das periferias geográficas e existenciais que pedem nossa presença, aliviando e curando, consolando e atenuando as feridas de tantas pessoas, homens e mulheres, cruelmente maltratadas pelas realidades injustas de sistemas e estruturas desumanizantes³⁰.

Dimensão comunitária do voto de pobreza

Muitas vezes, quando falamos de voto de pobreza, dizemos ser algo a tomar consciência da pessoa, devendo ser vivido de modo individual, de acordo com seu entendimento e percepção. Assim, às vezes, ficamos tranquilos e desculpados. Não podemos esquecer o elemento muito importante que não nos deixar eximir de nossa responsabilidade: a comunidade.

Comunitariamente somos chamados a dar testemunho de uma vivência da pobreza, um testemunho coletivo de desprendimento dos bens. Isso significa contribuir com os mais necessitados em uma missão da Ordem inteira. Outra forma de entender essa dimensão, como afirma Severino Alonso³¹, é a de poder ter um verdadeiro intercâmbio de posses entre as casas e as províncias da mesma congregação.

Somos chamados a tomar consciência e a evitar toda espécie de luxo, de lucro desmedido e de acumulação de bens, como diz o Concílio Vaticano II³². A nossa natureza de consagrados não é ser “proprietários”, mas conseguir com nosso trabalho, com nosso esforço, agregar valor – e não só bens – à congregação.

Lembro-me, se me permitem falar, que, quando concluí meus estudos na Faculdade de Teologia, dizia muito feliz ter sido aprovado no exame final, e um padre me disse, com estas palavras ou parecidas: “Bom. Agora te cabe

³⁰ Cf. V. Martínez Morales, *Para vinho novo, odres novos. Uma vida religiosa revitalizada e reestruturada pelo Espírito*, Paulinas, Bogotá 2018, 96.

³¹ Cf. S. M. Alonso, *A vida consagrada. Síntese teológica*, PCl, Madri 2001.

³² Cf. PC 13.

pagar com teu trabalho tudo o que a congregação te deu”. Fiquei com um pouco de raiva, o que é muito normal no meu caso, e senti como se me estivessem cobrando meus estudos. Com o passar dos anos, notei que aquele padre tinha razão. Quantas coisas recebi e continuo recebendo: formação intelectual de qualidade, boa alimentação, cuidado, viagens a outros lugares... muitíssimas coisas; e eu diria: até minha formação espiritual; quantas vezes vivo na mesquinhez, pensando ser mérito meu.

A questão é: se cada um tomar consciência do muito recebido, com certeza saberá não ser capaz de retribuir na mesma proporção. Uma vivência comunitária da pobreza consiste em percebermos, juntos, que os bens da própria congregação são nossos, e devemos cuidar deles, para que o acumular não seja um fim, mas o dar com generosidade, embora não nos falte nada. Sejamos verdadeiros, autênticos.

Escrevendo estas linhas me veem à cabeça muitas coisas. Não gostaria de me perder em elucubrações mentais, mas tenho de falar partindo do coração, ou tudo será letra morta para mim mesmo. Certo dia tive de chamar a atenção de um grupo de formandos, pois alguns, sistematicamente, chegavam atrasados à oração, ausentando-se da capela. Antes de lhes chamar a atenção, rezava e pensava como os fazer ver a importância da pontualidade. Então eu os sugeri que pensassem, muitos de nossos familiares, pais, irmãos, fora do ambiente formativo e da vida religiosa... trabalham; e em uma empresa, não é permitido o luxo de ficar mais tempo na cama ou de faltar porque ‘um dedo dói’. Em certas ocasiões pecamos comunitariamente por não viver uma vida de pobreza, de reponsabilidade, de poder dar-nos mais. Podemos levar na facilidade.

Amiúde confundimos pobreza com economia. Não é a mesma coisa funcionalidade e o luxo, ter ou acumular bens. Creio que a vida consagrada carece hoje de uma coisa: a “generosidade – sem perda – como sinal de desprendimento e, portanto, de pobreza evangélica”³³. Creio, o tema não é olhar o que temos, mas quanto doamos.

Não podemos, todavia, viver da autorrealização ou autorreferencialidade, como nos diz constantemente o Papa Francisco. É tempo de gratuidade, de entrega, de ter Cristo como nosso modelo de consagração. Quem sabe, atrevo-me a dizer, nos falte autotranscedência institucional. Não precisamos procurar reconhecimento por nossos

³³ S. M. Alonso, *A vida consagrada...* 375.

trabalhos, mas tomar consciência de que nada é nosso. Não damos nada a ninguém. Devolvemos, porque recebemos muito mais do que merecíamos.

A pobreza comunitária implica, além disso, do cuidado de nossas coisas comuns. Talvez não nos sintamos responsáveis pelos bens que temos, e assim não cuidamos deles. A lógica de mercado invade nossas comunidades: descartamos coisas e compramos outras simplesmente por capricho. Precisamos, na realidade “queremos” o móvel novo recém-lançado, o último modelo de computador, o carro mais legal... porque “será útil ao nosso trabalho”, e logo enchemos nosso quarto com todos os aparatos e não falamos com quem está ao nosso lado no refeitório, ou nos negamos a qualquer atividade fora de nossos projetos. E claro, depois temos de pagar funcionários para fazer os trabalhos por nós. As coisas comuns são de nossa responsabilidade.

Nosso trabalho não pode ser uma obra pessoal. É uma marca da nossa ação, pois o fazemos em nome da nossa comunidade. É triste perceber como as coisas pessoais às vezes estão acima das comunitárias. Dizemos tranquilamente: “tenho meus horários”, “meu trabalho”, “minha paróquia”, “minhas funções”, “meu grupo”, “meu carro”. Expressões como estas, não poucas vezes, denotam a falta de uma vivência comunitária. Urgem em nosso cotidiano mais projetos comunitários e menos projetos ‘institucionais’ de alguns. Falta, eu diria, trabalhar mais em equipe, somando os dons de cada um.

Às vezes dá a sensação de alguns tentarem, veladamente, demonstrar que são os melhores para estarem nos seus cargos. Creio, assim, o rodízio no governo de uma congregação pode ser muito sadio, porque permite ver o poder como serviço e não como status. Se lutamos pelo poder, revelamos uma patologia grave que precisa do remédio da humildade. É muito significativo ver as pessoas sadias, depois de prestar um serviço, saírem com a consciência limpa do dever cumprido, e sem desejar reconhecimentos.

Como carisma agostiniano, penso que esta dimensão comunitária deveria ser mais trabalhada na formação com os candidatos e na formação dos religiosos. Pode ser que entendamos muito bem a parte social, e até teológica, do voto, porque todos nós, um dia, o estudamos, mas talvez falte uma melhor conscientização da comunidade sobre os bens materiais e espirituais. Se me permitem dizer, nos falta mais amor às nossas coisas. Procuramos ser, aos olhos dos de fora, influentes, conhecidos, valorizados, premiados; mas, melhor, dentro, não fazemos, não colocamos em comum

nossos dons. Por medo da crítica institucionalizada, nos escondemos e ocultamos nossos talentos. Pode ser que nos falte um pouco mais de resiliência ante as críticas. Quem critica faz muito pouco.

Quando o professor García Paredes trata desta dimensão em seu manual sobre a teologia da vida religiosa, diz:

Nas comunidades de São Pacômio, nas de Agostinho, é chamativa a razão de ser da pobreza, não como renúncia nem como ascese, mas como fator de favorecimento da comunhão entre todos, para não haver nenhuma diferença entre os irmãos ou as irmãs da comunidade. As posses, as propriedades privadas, trazem consigo um certo princípio de divisão. Os bens impedem a comunhão. As riquezas de alguns – em relação à pobreza de outros – manifestam até onde chega, entre nós, o princípio da fraternidade³⁴.

Somos chamados a viver a pobreza comunitária com um modo de vida pobre, afetivo e efetivo, a trabalhar como sinal de pobreza comunitária e a exercitar a comunhão de bens espirituais e materiais, a partir do cuidado das coisas comuns, a fim de nossa pobreza ser autêntico sinal do Reino, atualmente.

Dimensão ecológica do voto de pobreza³⁵

Evidentemente para nós todo o tema ecológico se apresenta como um desafio. Hoje, talvez, seja um discurso vazio falar de ecologia. Urge termos mais consciência de mundo, de casa comum. Além de consciência, mais zelo por aquilo que o Criador de todas as coisas nos deu.

O avanço científico, o mecanicismo, o tecnicismo, o materialismo, entre outros, escravizaram, de certo modo, a natureza. A própria capacidade simbólica da natureza está desaparecendo, pois, em muitos lugares, a água e o ar já não podem ser símbolo do Espírito, da vida. Os abusos contra os recursos naturais desrespeitam seu equilíbrio. A água dos rios e dos mares está contaminada, convertendo-se em agente de morte para milhares de peixes. A atmosfera está sendo agredida, drogada, convertida em veículo de contaminação. Os animais temem ao homem.

A natureza já não é a nossa casa comum. Poder-se-ia dizer que, com tanta exploração movida por interesses insensatos, transformou-se, para as futuras gerações, em prisão terrível para bilhões de seres humanos.

³⁴ J. C. R. García Paredes, *Teologia da vida religiosa...* 473.

³⁵ Para esta parte utilizaremos as reflexões do professor García Paredes, trazendo para nós de modo mui prático e concreto o problema ecológico e a necessidade de retomar este cuidado (cf. J. C. R. García Paredes, *Teologia da vida religiosa...* 477-481).

A corrupção está danificando inclusive a natureza. Isso faz com que, globalmente, se desenvolvam programas de conscientização sobre o cuidado do meio ambiente. Por isso é importante que as nossas congregações sejam sinal do cuidado da casa comum. Já estamos vendo em nossas confrarias programas como este (ARCORES, por exemplo). Há um claro chamado a nos esforçarmos mais por esta causa. Muito tempo a vida religiosa foi definida como *fuga mundi*, nunca como *fuga naturae*.

A dimensão ecológica do voto de pobreza diz para não esgotarmos os recursos naturais, para não termos ambições possessivas. Por isso, é chamado ao reconhecimento da sacralidade das coisas. Não podemos destruir tudo à nossa frente por ambição ou como o corvo. Temos de defender a natureza e seus recursos; é a casa de todos; é um bem comunitário, uma herança a ser deixada para as futuras gerações.

Lanço um convite urgente a renovar o diálogo sobre a maneira como estamos construindo futuro do planeta. Precisamos de um debate a nos unir a todos, porque o desafio ambiental, que vivemos, e as suas raízes humanas dizem respeito e têm impacto sobre todos nós. O movimento ecológico mundial já percorreu um longo e satisfatório caminho, gerando numerosas agregações de cidadãos a colaborarem na consciencialização³⁶.

O meio ambiente é um bem coletivo, e exige cuidado. É patrimônio de toda a humanidade e, portanto, é responsabilidade de todos:

Quem possui uma parte é apenas para a administrá-la em benefício de todos. Se deixamos de fazê-lo, levaremos na consciência o peso de negar a existência aos outros³⁷.

O Papa Francisco nos chama a uma “ecologia integral”³⁸, que engloba o humano e o social. Quando falamos da dimensão ecológica do voto de pobreza, podemos pensar em uma ecologia integral a compor o humano e o social. Tudo isso não é fruto senão de uma “conversão ecológica”, uma espiritualidade a considerar o cuidado do mundo³⁹. Não é um tema transversal hoje na teologia do voto de pobreza, mas um chamado urgente e necessário. Contudo, é um caminho que precisamos percorrer.

³⁶ LS 14.

³⁷ LS 95.

³⁸ Todo o IV capítulo da Encíclica *Laudato Si'* fala da necessidade de uma ecologia integral (cf. LS 137ss.).

³⁹ Cf. LS 216-221.

Excurso conclusivo

Quando me pediram esta pequena colaboração, tive de respirar fundo antes de dizer sim, porque, definitivamente, trata-se de uma reflexão que me obrigou olhar a mim mesmo, a me comprometer, me descolocar e a pedir de mim mais radicalidade. Para começar a escrever estas linhas, dei muitas voltas. Retomei várias vezes leituras e materiais de quando estudava licenciatura em vida religiosa, voltei aos manuais..., porém me dei conta de que, se não fazemos algo a partir de uma perspectiva um tanto quanto narrativa, esta reflexão seria inútil para mim e para os leitores.

Sobre a pobreza encontramos várias publicações, autores para todos os gostos, porém quiçá com muita teoria e pouco coração. Se alguém quer estudar o voto, há uma grande bibliografia. Dispomos de muitos materiais importantes, podendo ser encontrados em nossas bibliotecas. Minha intuição me dizia que devia começar sem pretensões, falando simplesmente de coração para coração. Por isso confesso ter sido um trabalho muito pausado, meditado, relido, construído como com fragmentozinhos, para oferecer uma pequena síntese de considerações importantes para nossa vivência deste voto, que, embora se chame de pobreza, oferece uma riqueza inestimável.

Como conclusão, trago um anexo, um exemplo valioso de um religioso que nos fala da pobreza como um valor do Reino dos Céus: santo Tomás de Villanueva.

Um farol de esperança

No ano de 2012, quando se falava das várias crises (miséria, desigualdade social, fome e empobrecimento ecológico...), o presidente do Banco Mundial, Yim Yong Kim, pedia uma cultura da prevenção como um modo de evitar uma catástrofe natural. Era preciso, para ele, encontrar *faróis de esperança* que orientassem a sociedade na solução da crise. Faróis que tornassem resilientes pessoas e comunidades⁴⁰. Para gerar uma cultura de

⁴⁰ Cf. M. Lemos Silveira Freitas, *Afrontamento e superação de crises. Contribuições da Logoterapia*, IECVF, Ribeirão Preto 2018, 25-27.

prevenção da liquidez do valor da pobreza evangélica na atualidade, trazemos como exemplo santo Tomás de Villanueva.

Não entraremos na biografia do santo manchego profundamente, mas destacaremos pequenas faíscas que nos ajudem a viver a pobreza hoje.

Tomás García Martínez⁴¹ nasceu em 1486 na pequena aldeia manchego de Fuenllana. É o primeiro de seis irmãos. A família vivia uma situação econômica estável. No seio familiar recebe a semente de uma vida cristã consistente, sobretudo de amor aos carentes. Com aproximadamente sete anos, conta-se, voltou para casa duas vezes sem roupas, pois as tinha dado a um pobre.

Como religioso, despe do temporal e se reveste de Deus. Ocupa vários cargos de governo muito importantes na Ordem, mesmo sendo ainda muito jovem, pois não era comum os mais jovens desempenharem um posto de governo na vida religiosa. Torna-se um grande pregador. É um frade de vida austera, com muito conhecimento, unindo ciência e virtude. Une o amor aos estudos à vida comunitária e ao apostolado. Incentiva expedições de missionários a América. Nega-se a aceitar o arcebispado de Granada, e opõe-se ao de Valência, mas o provincial Francisco Nieva o força a aceitar. Poderíamos dizer que é um bispo de obediência e não de desejo.

Na metade do ano 1545, entra na sede arcebispal valenciana montado em uma mula, visivelmente humilde e pobre, com hábito, um manto de pano preto muito batido e um chapéu tão velho, sem poder ser vista sua cor original. Com muita humildade e devoção recusa as almofadas de veludo carmesim e se ajoelha no chão, adora e beija os pés da cruz e, com muitas lágrimas, beija depois o chão.

Em sua vida como bispo sempre lembrou dos necessitados. Há até uma anedota em que fora visto remendando a própria roupa e, ao ser questionado, responde que, mesmo sendo bispo, não deixou de ser religioso, vivendo a pobreza que havia professado; e, além disso, com o dinheiro usado para consertar as calças, poderia dar de comer a um pobre.

⁴¹ Cf. M. Boyano Revilla, *Santo Tomás de Vilanova, agostiniano, arcebispo e pai dos pobres*, FABRA, Petrópolis; J. M. Bengoa, *Tomás de Vilanova. O esmolar de Deus*, Editora Gávea, Rio de Janeiro 2001.

Preocupa-se com o clero, cheio de regalias, e em 1550 funda um seminário, quando pois não havia um em lugar algum para os estudantes pobres, desejosos de ser sacerdotes, a fim de adquirirem uma formação acadêmica. Encontra na Igreja valenciana boas organizações caritativas, as impulsiona e amplia com todo seu entusiasmo. Dá esmolas, visita os doentes no hospital, vai à casa dos padecentes, erige uma espécie de abrigo para crianças órfãs em seu palácio episcopal e, da porta do palácio, dá diariamente comida quente aos necessitados.

No final de sua vida, já doente, tem a preocupação de que seu patrimônio seja dado aos carentes. Até seu próprio leito de morte era emprestado, pois o seu fora dado a um funcionário eclesiástico.

Sua fama de santidade cresceu muito rápido entre todos. É o patrono dos estudos para toda a família agostiniana. E parece oportuno trazer para nós hoje sua imponente figura como modelo de religioso, farol de esperança, ao integrar existencialmente a riqueza do voto de pobreza.

FREI DANILO JOSÉ JANEGITZ, OAR

Franca (São Paulo, Brasil)